

### *Artigos Livres*

## **Chegada do Espiritismo a Pelotas-RS: problematização de duas hipóteses consagradas na historiografia<sup>1</sup>**

Eder de Lima Rocha, UFPel<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar duas hipóteses sobre a chegada do Espiritismo em Pelotas, Rio Grande do Sul, e tentar entender por que não há um consenso, entre os historiadores, sobre o tema. A primeira suposição diz que o Espiritismo aportou em Pelotas por meio de dois espanhóis, em 1877; Alberto Coelho da Cunha escreveu sobre o assunto em 1927, descrevendo, em seus apontamentos, que o Espiritismo havia chegado em Pelotas 50 anos antes. A segunda suposição nos diz que o Espiritismo chegou a Pelotas por meio da Baronesa de Três Serros, hipótese sustentada pelo historiador João Artur Ott Cardoso, ao defender que a referida Baronesa levara o *Livro dos Espíritos*, e conseqüentemente o Espiritismo a Pelotas, após o seu casamento no Rio de Janeiro, em 1865.

**Palavras-chave:** Espiritismo, Pelotas, Século XIX.

### **Abstract**

The present work aims to analyze two hypotheses about the arrival of Spiritism in Pelotas, Rio Grande do Sul, and try to understand why there is no consensus, among historians, on the subject. The first line of supposition says that Spiritism came to Pelotas through two Spanish, in 1877; Alberto Coelho da Cunha wrote about it in 1927, describing, in his notes, that Spiritism had arrived in Pelotas 50 years earlier. The second assumption tells us that Spiritism came to Pelotas through the Baroness of Três Serros, hypothesis supported by the historian João Artur Ott Cardoso, arguing that the Baroness brought the *Livro dos Espíritos*, and consequently the Spiritism to Pelotas, after his marriage in Rio de Janeiro, in 1865.

**Keywords:** Spiritism, Pelotas, XIX Century.

### **Introdução**

Duas são as hipóteses que rondam os historiadores e pesquisadores do Espiritismo em Pelotas: a primeira diz que o Espiritismo teria chegado a Pelotas por meio da Baronesa Amélia Antunes Maciel, por volta do ano de 1865; a segunda diz que teria chegado por meio de dois espanhóis, em 1877. E é em cima dessas duas proposições que tentarei analisar por qual delas teria sido a mais plausível que chegou primeiro em Pelotas, e tentar entender por que não há um consenso dos historiadores sobre a chegada do Espiritismo na cidade.

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado parcial da pesquisa em andamento para o Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Graduando do 8º semestre do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Pelotas.

O recorte temporal a que me propus pesquisar, se dará entre os anos de 1860, abarcando alguns anos antes da referida data do presente recebido pela Baronesa – o Livro dos Espíritos - indo até alguns anos depois da chegada dos espanhóis a Pelotas, em 1880.

Basicamente, as perguntas que faço, e acredito que os historiadores do tema também os fazem, são a de qual maneira e por quem - em se verificando que chegou a Pelotas às datas a que as hipóteses sugerem - Pelotas recebeu essa religião incipiente tão rápido e de forma “devastadora” para as elites, que à época era predominantemente Católica.

Possíveis interpretações sobre o tema serão levantadas, e questões que envolvem a aceção por parte dos pesquisadores sobre quem trouxe o Espiritismo a Pelotas.

Por fim, tentarei demonstrar que nenhuma das duas linhas de suposições, por suas inconsistências, pode reclamar para si a “verdadeira” data e por meio de quem a religião Espírita chegou a Pelotas. Mas, já adianto que de forma nenhuma o tema se esgota aqui. É um assunto em aberto, sobretudo, pela carência de documentação, que por ora, os outros pesquisadores do Espiritismo na cidade e eu não tivemos acesso ou que não existem mais. O texto se justifica, no entanto, em função das discordâncias dos pesquisadores e historiadores sobre como, quando e por quem o Espiritismo chegou a Pelotas.<sup>3</sup>

As descrições que abordo sobre o contexto sócio-político-econômico é deveras resumido, apenas para que tenhamos uma ideia geral sobre esse contexto.

Sobre a historiografia local para o tema aqui proposto, muitos são os trabalhos; no entanto, os que me dediquei foram os de Marcelo Gil, que aborda o Movimento Espírita em Pelotas, e Lauro Enderle, que escreveu sobre o Espiritismo em Pelotas; sobre a Baronesa de Três Serros temos os trabalhos de Débora de Paula e Jezuina Schwanz. A respeito da cidade de Pelotas consultei os trabalhos de Mario Magalhães, Eduardo Arriada, Jonas Vargas, e outros. Sobre Coelho da Cunha, temos os escritos de Eduardo Arriada, além dos próprios manuscritos e recortes de Cunha.

Quanto aos arquivos e fontes que pesquisei estão além dos já citados manuscritos e recortes de Alberto Cunha, que se encontram na Bibliotheca Pública Pelotense, pesquisei os livros de termos de declaração de estrangeiros e as Atas da Associação Auxiliadora da Colonização, todos os livros também se encontram na Bibliotheca Pelotense. E o jornal *Correio Mercantil* (1875-1932), fazendo apenas menção a uma data em específico.

Posto isto, reitero de que o trabalho é uma reflexão incipiente e de modo algum se encerra aqui. Não temos a pretensão de fazer uma análise histórica do Espiritismo e nem de

---

<sup>3</sup> Mais adiante no texto específico quem são estes pesquisadores e historiadores que discordam quanto à data e por meio de quem o Espiritismo ter chegado a Pelotas.

como ele chegou em Pelotas, nem do contexto social-político-econômico da cidade de Pelotas na segunda metade do século XIX. Pretendemos, na verdade, apenas problematizar as duas principais hipóteses sobre a chegada do Espiritismo em Pelotas a partir dos argumentos e dos documentos acionados pelos pesquisadores, de modo a contribuir minimamente com os estudos históricos dedicados à religião espírita na cidade.

### **Breve contexto da cidade de Pelotas entre 1860 e 1880**

Para Pelotas as charqueadas tiveram papel crucial no desenvolvimento econômico, político, cultural, social e na urbanização, marcando também profundamente a formação sócio-econômico-cultural do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Com a indústria saladeiril, Pelotas tornou-se a principal produtora de charque do Império do Brasil, remetendo a mercadoria não apenas para as *plantations* brasileiras e suas cidades litorâneas, como também, em menor escala, para Cuba, Portugal e os Estados Unidos.<sup>4</sup> Pelotas teve sua economia e desenvolvimento atrelado a esta indústria, segundo o historiador Vargas:

O charque, os couros, o sebo e a graxa, produtos igualmente produzidos nas charqueadas, eram responsáveis por mais de  $\frac{3}{4}$  das exportações da província, movimentando a economia regional e garantindo a contínua demanda pelo gado bovino criado nas estâncias que pontilhavam toda a fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Como resultado de tal desenvolvimento econômico, Pelotas tornou-se a principal cidade da região sul da Província, vivendo o seu auge entre as décadas de 1860 e 1880, quando rivalizou com Porto Alegre em seus aspectos econômicos, políticos e culturais, e tornou-se palco de uma elite bastante rica e influente. (VARGAS, 2013, p. 15).

Segundo o historiador Mario Osorio Magalhães, Pelotas atinge o seu auge cultural e econômico entre os anos de 1860 e 1890. Sobretudo, devido às charqueadas, que a essa época, já estava consolidada na região, diz-nos Magalhães:

A área das charqueadas, praticamente restrita ao município de Pelotas, permanece sendo o núcleo de maior circulação monetária e acumulação de capitais, sofrendo agora um amplo processo de modernização, estimulado pelo restabelecimento da concorrência platina, a proibição do tráfico negreiro e a inclusão das estâncias do norte da província como fornecedoras de gado para o abate. (MAGALHÃES, 1993, p. 79).

Porém, não só da indústria saladeiril Pelotas se fez. É dessa época também o surgimento de outros segmentos industriais gerados por essa transformação econômica, tais

---

<sup>4</sup> VARGAS, Jonas. “A aristocracia do sebo” Riqueza, prestígio social e estilo de vida entre os charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, 1850-1890). **Estudios Históricos** – CDHRPyB- Año VIII, Diciembre 2016, Nº 17, p. 1-23.

como curtumes, fábricas de sabão e velas, olarias, etc., utilizando os resíduos da indústria da carne. A partir da riqueza gerada pelas charqueadas uma transformação urbana, a ligação comercial de Pelotas com os grandes centros do país e do exterior e a importação e exportação de mercadorias vem fomentar a modernização, urbanização e a cultura dos mais variados matizes.

Com esse aporte financeiro, sobretudo na exploração do trabalho escravo, os estancieiros, charqueadores e industriais pelotenses começam a modernizar e urbanizar a cidade. Heloisa Nascimento assim relata a modernização predial urbana que passa a cidade de Pelotas entre os anos de 1869 e 1879:

Num período de dez anos as edificações urbanas mais importantes assumiram aspecto neorenascentista, no qual se inclui uma certa explosão do barroco. Arte importada da Europa, assimilada na Província, foi aqui completada em seu aspecto utilitário com recursos de construção típica local, tais como janelas de guilhotina e caixilhos da região, que aparecem ao lado de torres e fachadas portentosas, de aberturas encimadas de adornos, de sacadas com grade de ferro fundido, de procedência estrangeira e estátuas de louçados portuguesas. Foi uma arquitetura própria e exclusiva da cidade. (NASCIMENTO, 1989, p. 81)

Como se viu, a cidade começa a se modernizar, não só pelo incremento predial das casas dos mais afortunados como dos prédios públicos, sendo dessa época a construção da Santa Casa de Misericórdia (1861), do Clube Comercial (1871), da Bibliotheca Pública Pelotense (1875), do edifício da sede da Câmara Municipal (1878) - hoje sede da Prefeitura Municipal -, da Escola de Agronomia Eliseu Maciel (1883), entre tantos outros, como também cultural e intelectual das elites abastadas.<sup>5</sup>

Além daqueles, os casarões ao redor da Praça Coronel Pedro Osório, nos quais residiam os charqueadores e suas respectivas famílias são uma conhecidíssima atração cultural, tendo atualmente outras funcionalidades, mas ainda mantendo as suas peculiaridades arquitetônicas e seus objetos.<sup>6</sup>

Com toda a riqueza acumulada pelos charqueadores surge em Pelotas uma elite, que era proprietária de imensos latifúndios e com a farta distribuição de matéria prima, o gado só poderia acumular e gerar riquezas. Mas a charqueada não trouxe apenas riqueza, mas também

<sup>5</sup> LÉON, Zênia de. **Casarões Contam Sua História**, 1993.

<sup>6</sup> O Mercado Público, o Museu da Baronesa, o Teatro Guarani, as Charqueadas às margens do Arroio Pelotas, os chafarizes do Calçadão e da praça principal são outros locais, com intenso passado histórico, que montam a paisagem na cidade atual, estando muitas delas revitalizadas. A Caixa d'Água, localizada na Praça Piratinino de Almeida, defronte à Santa Casa de Misericórdia; o Castelo João Simões Lopes Neto, no Bairro Simões Lopes; e a Estação Férrea de Pelotas, são outros lugares de destaque em Pelotas.

o adensamento populacional de Pelotas, pois cada grande estabelecimento contava, pelo menos mais de cem pessoas (ARRIADA, 1994).

A produção na charqueada em Pelotas sempre foi pautada em severas condições do trabalho. Desenvolvida através do trabalho escravo, o charque proporcionou a formação de uma elite riquíssima e opulenta, desfrutando de todas as benesses econômicas que o capital advindo do negócio proporcionava. A vida cultural da cidade era muito intensa, os contatos mantidos com a capital do país e com a Europa, conferiram à elite pelotense um destacado padrão literário e artístico.

Os filhos desses industriais é que, despreocupados com a sobrevivência, tendo nascido em berço de ouro, puderam se dedicar largamente aos estudos (MAGALHÃES, 1993). Esses “novos ricos”, então, partiram para outras províncias do país e para outros países, principalmente a França, para estudarem. Trouxeram consigo uma bagagem cultural e intelectual bem diversa da daqui encontrada.

Outros fatores externos aceleraram esse processo de modernização e urbanização na cidade de Pelotas, tais como a Guerra do Paraguai (1865-1870), que de certa forma consolida o modo de produção capitalista no Brasil e conseqüentemente em Pelotas, e a vinda de imigrantes, mormente a partir da década de 1840; em 1849 a cidade já possuía a Associação Auxiliadora da Colonização;<sup>7</sup> e em 1866, foi fundada a primeira colônia nos arredores de Pelotas,<sup>8</sup> a Colônia Lopes.

Sendo assim, vários foram os fatores que auxiliaram no crescimento econômico, intelectual e cultural da cidade de Pelotas entre os anos a que dispomos analisar. É, portanto, nesse contexto de “boom” econômico e de momento de grande intensidade cultural, e em meio à elite, é que aparece pela primeira vez o Espiritismo em Pelotas.

## O Espiritismo

Segundo o dicionário,<sup>9</sup> Espiritismo é uma doutrina de cunho filosófico-científico-religioso voltada para o aperfeiçoamento moral do homem por meio de ensinamentos transmitidos por espíritos desencarnados que se comunicam com os vivos, especialmente através de médiuns. As instruções dadas pelos espíritos de categoria elevada sobre todos os

---

<sup>7</sup> Actas da Associação Auxiliadora da Colonização. Bibliotheca Pública Pelotense.

<sup>8</sup> Anjos, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: UFPel, 2000.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/espiritismo/>>. Acesso em: 02 ago. 18.

assuntos que interessam à humanidade, as respostas que eles deram às questões que lhes foram propostas, constituindo uma ciência, uma doutrina moral e filosófica.<sup>10</sup>

O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada na existência, nas manifestações e no ensinamento dos espíritos. Esta doutrina acha-se exposta de modo completo em *O Livro dos Espíritos*, quanto à sua parte filosófica; em *O Livro dos Médiuns*, quanto à parte prática e experimental; e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quanto à parte moral. Essa doutrina foi elaborada, sistematizada e organizada por Allan Kardec.

Hippolyte-Léon Denizard Rivail<sup>11</sup> nasceu em 03 de outubro de 1804, na cidade de Lyon, França; adotou posteriormente o pseudônimo de Allan Kardec. Em Lyon fez os seus primeiros estudos, seguindo depois para Yverdon, na Suíça, a fim de estudar no Instituto do professor Pestalozzi, que era a escola modelo da Europa. Concluídos os seus estudos em Yverdon, regressou a Paris, onde se tornou conceituado Mestre não só em letras como em ciências. Conhecia algumas línguas como o italiano, alemão, etc. Rivail publica numerosos livros didáticos. Allan Kardec em 1854 ouviu falar pela primeira vez das mesas girantes, através do amigo senhor Fortier, que o convida para assistir a uma reunião de mesas falantes.

Pensando em descobrir novos fenômenos ligados ao magnetismo, pelo qual se interessava, aceita o convite. Depois de algumas sessões, começou a questionar-se para achar uma resposta lógica que pudesse explicar o fato de objetos inertes emitirem mensagens inteligentes. Rivail perguntava-se: como pode uma mesa pensar sem ter cérebro e sentir sem ter nervos? Mais tarde chegaria à conclusão de que não era a mesa quem respondia, e sim, as almas dos homens que já tinham vivido na Terra e que agora se valiam delas para se comunicarem.

Em 30 de abril de 1856, uma mensagem foi destinada especificamente para ele. Um Espírito chamado “A Verdade” revelou-lhe a missão a desenvolver. Daria vida a uma nova doutrina, que viria para dar luz aos homens, esclarecer consciências, renovando e transformando o mundo inteiro. Kardec afirmou que não se considerava um homem digno para uma tarefa de tal magnitude, não obstante, faria todo o possível por desempenhar as obrigações que lhe tinham sido encomendados. No que tange ao método, Kardec adota o intuitivo-racionalista Pestalozziano: teoria, teoria-prática e prática na aprendizagem. Em 18 de abril de 1857 publica *O Livro dos Espíritos*, por sugestão dos próprios espíritos, assina com o pseudônimo de Allan Kardec, nome que teve numa existência anterior quando foi

---

<sup>10</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Araras: IDE, 2002.

<sup>11</sup> Este resumo da vida de Allan Kardec (nesse e nos próximos três parágrafos) foi baseado nos livros de Zéus Wantuil e Francisco Thiesen: Allan Kardec, volumes I e II. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

sacerdote druida. No ano 1858 edita a *Revista Espírita*, em 01 de abril funda a primeira Sociedade Espírita – Société Parisienne des Études Spiritiques - sucessivamente publica *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Kardec morreu a 31 de março de 1869.

Desse modo, a investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

### **Espiritismo no Brasil**

A História do Espiritismo no Brasil ainda está por ser pesquisada e estudada com maior profundidade.<sup>12</sup> Condições históricas, culturais e religiosas criaram um contexto propício ao pleno desenvolvimento de uma corrente “diferente” de pensamento a daquela surgida na França.

A partir de meados do século XIX o Brasil passou a sofrer um processo lento e gradativo de modernização. A proibição do tráfico negreiro e a aplicação de capitais na industrialização ainda incipiente desencadearam a modernização da sociedade como um todo, ainda que de forma tardia em relação à Europa (GIL, 2008).

Chegando ao Brasil, essa capacidade adaptativa do Espiritismo vai ser submetida a algumas provas. A realidade brasileira era, em alguns casos, totalmente diferente daquela que Kardec consolidou o Espiritismo. Sabemos que a influência francesa no Brasil era grande,<sup>13</sup> desse modo, acreditamos que a religião Espírita tenha tido uma aceitação mais rápida e duradoura. Obviamente que não foi somente a influência francesa no Brasil que fez com que essa adaptação fosse mais ligeira, outros fatores contribuíram para essa aceitação. Praticamente todos os aspectos culturais e sociais brasileiros responderam de alguma maneira à entrada do Espiritismo no Brasil. Podemos ressaltar que, apesar de ter sofrido fortes influências, o Espiritismo também influenciou a cultura brasileira.

Kardec lança o *Livro dos Espíritos* em 1857. Tempo depois, por volta de 1860, as obras espíritas, em francês, começam a chegar no Brasil. Foram trazidas principalmente por franceses que moravam aqui no país ou por pessoas ricas e instruídas da sociedade que tinham contato com o estrangeiro. No Rio de Janeiro, existia por essa época a chamada “roda do

<sup>12</sup> Encontrei poucos trabalhos, sobretudo de historiadores, sobre o Espiritismo no Brasil. E os que encontrei, repetem-se muito nas informações.

<sup>13</sup> LACERDA, ABRAHÃO e BASTOS. *Relações entre Brasil e França*, no período de 1822 a 1889.

*Courier du Brésil*”, um jornal francês editado no país. Na redação desse jornal, nas reuniões promovidas por seus membros, frequentava elementos ilustres da sociedade carioca, sendo um dos seus frequentadores Machado de Assis (DAMAZIO, 1994).

Contudo, foi em Salvador que o Espiritismo repercutiu de forma mais vigorosa ainda na década de 1860, graças à polêmica causada pela publicação em 1866 da obra “*Philosophia Spiritualista. O spiritismo: Introdução ao estudo d’a Doutrina Spiritica extrahida D’o Livro D’os spíritos*, publicado por Mr. Allan Kardec”, do jornalista Luiz Olympio Telles de Menezes, em que o autor não apenas traduzia parte da principal obra de Kardec, como também a comentava. O fato de essa obra ter colocado o pensamento de Allan Kardec ao alcance do público em geral, desconhecedor do idioma francês, provocou [...] consequências imediatas: contribuiu decisivamente para a difusão do espiritismo. (GIL, 2008, p. 69-70).

Em 1860, as obras espíritas começavam a chegar ao país. Alguns interessados, que acompanhavam as polêmicas em que Kardec participava nos principais jornais franceses e de outros locais do mundo, iniciaram suas leituras do Livro dos Espíritos. As obras aqui chegavam no original, em francês, o que nos aponta os leitores dessas obras: os que possuíam instrução e interesse no assunto. Assim, nos diz Gil:

Em torno de Telles de Menezes, que além de jornalista era professor, formou-se o Grupo Familiar de Estudo do Espiritismo, fundado em 1865 e composto por um seleto número de intelectuais interessados em estudar a doutrina Espírita. O grupo, por sua vez, deu origem ao primeiro periódico espírita do Brasil, destinado a fazer a divulgação da doutrina, o *Eco d’Além Túmulo*. (GIL, 2008, p. 71).

Foi desse modo, um intelectual baiano, com passagens em conselhos artísticos imperiais e fundador de jornal literário, quem daria o pontapé inicial do Espiritismo no Brasil, seu nome era Luiz Olímpio Teles de Menezes.<sup>14</sup> Contudo, a complexidade dos conceitos desenvolvidos pela doutrina espírita e o fato dos livros da codificação ainda não terem sido traduzidos para o português dificultavam a sua popularização, tornando-a acessível apenas a uma pequena parcela da população (GIL, 2008).

Em 02 de agosto de 1873 foi fundado o primeiro grupo oficializado de estudos espíritas no Rio de Janeiro, a Sociedade de Estudos Espíritas –

---

<sup>14</sup> Nascido em 26 de julho de 1825, na cidade de Salvador (BA), e morreu em 16 de março de 1893, na cidade do Rio de Janeiro. Professor, jornalista e defensor da causa espírita, foi tradutor da 13ª edição francesa do “O Livro dos Espíritos”. Antes as pessoas não tinham acesso ao Espiritismo, pois os livros eram em Francês. Apenas os mais cultos podiam ler as obras da codificação. Consegui que a livraria Garnier fosse autorizada a traduzir em português todas as obras de Kardec. No dia 17 de setembro de 1865, fundou o “Grupo Familiar do Espiritismo”, e no mesmo dia, os membros do Grupo recém-fundado recebiam assinada por “Anjo de Deus”, a primeira página psicográfica de que se tem notícia na Bahia. Em 08 de março de 1869 publica o 1º jornal espírita brasileiro, “Eco de Além-Túmulo”. Foi um dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.



Grupo Confúcio, que logo assumiu o encargo de divulgar a doutrina de Kardec, priorizando, para tanto, a tradução e publicação das obras do codificador. Além disso, o grupo organizou uma publicação mensal, a *Revista Espírita*, lançada em 1875 e que teve apenas seis números publicados. (DAMAZIO, 1994, p. 104).

Foi no interior desse grupo carioca de estudos do Espiritismo que começou a se delinear o surgimento de corrente diversas que marcariam o movimento espírita brasileiro nas décadas seguintes (GIL, 2008).

É neste mesmo ano de 1875 que acontece um dos fatos mais esperados pelo meio espírita: a famosa livraria Garnier edita *O Livro dos Espíritos*, em português. Essa tradução vinha responder aos anseios dos espíritas brasileiros, que encontravam assim maneira mais fácil de divulgar a doutrina que abraçavam. E ainda nesse mesmo ano, Garnier editou as demais obras de Kardec em português. Com essas traduções o Espiritismo ganha uma maior visibilidade nacional.

E, assim, o Espiritismo se desenvolveu e se alastrou pelo Brasil, chegava a um país marcado historicamente pela insegurança social, e em um momento em que esse sentimento era aumentado pelo conturbado ambiente ideológico-político do século XIX. Quando o Espiritismo chegou experimentou o contato com as outras culturas e religiões existentes no Brasil. Foi recebido inicialmente com desconfiança pelos segmentos populares, que não o entendiam e não enxergavam nele uma aplicação imediata. Importante dizer que a recepção dessa doutrina pelas elites muito se deu por influência do ambiente ideológico-político e por ser o Brasil afeito a influência francesa.

Já a população em geral, com a tradução das obras kardequianas e o passar do tempo, tentou se apropriar dessa nova religião. Grande parcela da sociedade queria parecer familiares daquela doutrina que, além de ser europeia, era tida em alta conta pelos membros ricos da sociedade brasileira. Ser espírita era uma maneira de buscar uma distinção e uma aproximação (no caso dos estratos menos favorecidos) com esse universo dos mais abastados.

### **A Dúvida que Paira Sobre os Pesquisadores**

O grande questionamento que nos fazemos como leitores, e como pesquisadores do Espiritismo em Pelotas, é de como teria chegado essa religião a Pelotas. Como disse anteriormente, há duas hipóteses mais plausíveis. A primeira dá conta de que teria chegado na bagagem da Baronesa de Três Serros, Amélia Hartley Brito Antunes Maciel, logo após o seu casamento com Anníbal Antunes Maciel, isso no ano de 1865; a segunda, diz-nos que teria

aportado em Pelotas por meio de dois espanhóis, José Aquilera (dentista) e Antônio Baxeras (arquiteto), em 1877.

Pois bem, é seguindo essas duas hipóteses que vamos tentar analisar, por meio de documentos e da pesquisa de outros autores, qual teria sido o portador da Doutrina Espírita a Pelotas. Começamos analisando a hipótese número um.

Segundo alguns historiadores e ou pesquisadores, o Espiritismo teria chegado a Pelotas por meio da Baronesa Amélia, vejamos o que dizem esses historiadores:

Schwanz: Em pleno século XIX, com o Espiritismo começando a ser difundido no país, uma mulher da aristocrática elite pelotense, basicamente composta por católicos, busca no Rio de Janeiro parceiros para discutir sua fé (SCHWANZ, 2011). Vemos neste trecho da carta de Amélia a sua filha a preocupação quanto a professar sua religião:

[...] Como bem sabes, o principal motivo que aqui me trouxe, foi praticar um pouco a minha santa religião, da qual me vejo absolutamente privada ai! É esse, minha querida, e bôa filha, o pão do meu espírito, o meu único consôlo nas horas de amargura; o brilhante pharol que alumando-me o Caminho da Eternidade, me faz encaral-o sem pavor, mas com o coração de esperança, porque me dá a certeza, de que lá encontrarei todos aquelles, que na vida tão caros me fôrão! Tenho pois ido às sessões, na federação, onde são ellas admiráveis em seus ensinamentos! João, apesar de suas idéias positivistas, é quem me acompanha, e leva, a sua condescendência à ponto, de assistil-as até o fim, mostrando n'isso, a melhor boa vontade. Acredita que os poucos momentos que alli passo, orando, e ouvindo a explicação do Evangelho, em Espírito e Verdade, julgo me feliz! Adeus, o papel acaba-se. Recomenda-me mtº. Todos os nossos d'ahi [...]<sup>15</sup>

Continua Schwanz:

Durante o tempo que viveu em Pelotas, segundo consta os inúmeros documentos de doações para a Santa Casa de Misericórdia, e trechos de suas cartas – onde demonstra preocupação com seus empregados, parentes e amigos – Amélia manifestava sua fé, através de suas ações. Assim, Amélia foi ganhando fama. Em sua biblioteca, mantinha revistas e livros espíritas, os quais emprestava para um seletto grupo de amigas e amigos, “para difundir os preceitos da religião”. (SCHWANZ, 2011, p. 105-106).

Mas, não só dos livros espíritas a Baronesa lia, mas de revistas e jornais sobre o assunto, e que muitos desses eram editados em outros países, como a revista argentina “La Verdad”, periódico assinado por Amélia desde o ano de 1909.

Sabe-se desta assinatura através das cartas enviadas para a filha e nas quais se refere à assinatura, embora no acervo do MMPB não tenha sido

<sup>15</sup> Carta de Amélia para Sinhá escrita no Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1903. Acervo Museu Municipal Parque da Baronesa.

encontrado nenhum exemplar. De acordo com Débora Clasen de Paula, dentre os jornais espíritas ou que abordavam o assunto, lidos por Amélia estão o jornal “O Paiz”, que, assim como o “Jornal do Comércio”, trazia matérias referentes ao Espiritismo. [...] No ano de 1903, no Rio de Janeiro, circulava o “Jornal Espírita Reformador”, fundado em 1883, que possivelmente figurava entre as leituras da Baronesa. (SCHWANZ, 2011, p. 106-107).

Quando a morte de seu marido completou dois anos, Amélia promove uma “homenagem” dando esmolas, como podemos ver pela notícia do jornal *Correio Mercantil*:

Esmolas – Às 8 horas da manhã, hoje, á porta da Igreja Matriz, serão distribuidas esmolas aos pobres, por ordem da exma. Baroneza de Tres Serros e em homenagem á memoria de seu esposo, de cujo passamento se completa o 2º aniversario.<sup>16</sup>

Ela não pôde usar o interior da Catedral como ponto de doação, pois ela não era bem vista pela Igreja Católica, visto que era de domínio público a sua adesão ao Espiritismo, assim ela promove a doação de esmolas à frente da Igreja Matriz.

A partir de 1885, a Baronesa passou a morar no Rio de Janeiro, sobretudo, por causa do falecimento de seu marido, e de não gostar do inverno pelotense. Desde então começa a trocar cartas com seus parentes que em Pelotas permaneceram em especial a sua filha mais velha Amélia Aníbal Hartley Maciel, mais conhecida como Sinhá. Junto às cartas, enviava jornais da capital Imperial, assim como recebia jornais de Pelotas. Como informava Amélia, a filha remetia “jornaes, e revistas”. Entre os jornais são mencionados o *Correio Mercantil* e o *Opinião Pública*, com ênfase para este último (PAULA, 2008). E entre os jornais a que a Baronesa tinha acesso, estão os espíritas.

Depreende-se que era uma leitora habitual destes, pois em uma das cartas escritas durante o período em que permaneceu em Curitiba, escreveu em um “P. S.”: “Manda-me os jornaes espíritas que ahi tenho ido, para mim.” Sinhá parece ter prontamente atendido ao pedido da mãe, que informa em carta posterior: “Recebi os jornaesinhos”, reafirmando o recebimento em outra carta: “Tambem já está aqui o caixão das línguas, que tem sido mt.o apreciadas; assim como os jornaesinhos spiritas.” (PAULA, 2008, p. 189).

Entre os possíveis jornais que a Baronesa poderia ter tido acesso estão:

Sabe-se que em 1903, no Rio de Janeiro, circulava o jornal *Reformador*, posteriormente órgão oficial da Federação Espírita, fundado em 1883. De acordo com Colombo, o *Reformador*, “mensário religioso do Espiritismo cristão”, publicou, em dezembro de 1903, notícias relativas a perseguições contra espíritas, chegando a referir o espancamento e apedrejamento de seguidores. Colombo faz referência a fundação de dois outros jornais, *O Eco*

<sup>16</sup> *Jornal Correio Mercantil*. Pelotas, 22 de março de 1889, nº 69, p. 02.

d'Além Túmulo, criado em 1869, e O Clarim, fundado em 1905. Porém, é a revista argentina La Verdad, abordada posteriormente, que nos informará, ao noticiar os jornais recebidos, a existência de outros jornais espíritas em circulação no período: “– “Aurora Espírita”, Pernambuco, [...] “Verdade e Paz”, Maranhão. – Luz Mental. – “Tribuna Espírita”, Rio de Janeiro. [...] “Aurora”, Pontal, (Brasil) [...] “A Revelação”, Pará [...] “O Espiritualista Moderno”, Rio de Janeiro. – “O Semeador” Parintins, (Amazonas).” (PAULA, 2008, p. 189-190).

#### A Baronesa possuía, também, muitos livros e folhetos

Que eram guardados de maneira organizada e à chave: “mas a chave está com a do meu armário dos livros, e que te entreguei.” Anos depois, em julho de 1909, ela escreveu dizendo precisar de alguns livros, descrevendo com detalhes para a filha a localização destes na estante:

Como me estão fazendo aqui mt.a falta, alguns dos meus livros espíritas peço -te para me mandares o mais bréve que puderes, todos os que se acham no meu armário, mas na 3.a prateleira, os outros, não precisa. D'estes mesmo, não precisa mandares os –folhêtos – mas sómente os encadernados. Conta as prateleiras, de cima para baixo, porq. não me lembra se, debaixo para cima, tem mais alguma... A pratelleira de cima, tem o naviosinho do Rubens; na outra, ha tambem livros, mas os que estão, na pratelleira abaixo, é que eu peço. (PAULA, 2008, p. 190).

Em relação aos livros espíritas que a Baronesa possuía, depreende-se através de suas cartas, que costumava emprestá-los:

O ‘Congresso Spirita’ era para mandar ao Costa, e eu tinha dado com outros livros á Rosaria para fazer o embrulho, que depois te entreguei, mas com certeza ella deixou esse, e depois juntou aos que estávão na mezinha. Manda-o pois ao tio Costa.

Nesta breve passagem, temos acesso ao nome de um deles, situação que não se repetirá em relação aos outros livros espíritas que possuía, com exceção feita ao livro “Do Paiz da Luz”. Acreditamos que, muito provavelmente, encontravam-se entre eles traduções dos livros de Allan Kardec como O Livro dos Espíritos, traduzido para o português brasileiro pela Garnier e que se encontrava à venda no Brasil já desde 1875. (PAULA, 2008, p. 191).

Desse modo, sabemos que a Baronesa era espírita, e que não tinha vergonha de demonstrar sua fé, mesmo sabendo que boa parcela da sociedade era Católica. Amélia, após várias provações que passou na vida, como a morte de seu marido, de três filhos e de alguns netos, se “apega” ainda mais ao Espiritismo. E em ela sabendo que, segundo o Espiritismo, a vida continua após a morte...

Acreditando nisso, na continuidade da vida, Amélia buscava forças para aguardar pacientemente o momento do reencontro com seus entes queridos. Ao refletirmos sobre a conversão de Amélia ao Espiritismo, nos valem de Damazio, para quem, geralmente, “a conversão à doutrina dos espíritos se fazia dessa forma gradual e pouco conflituosa, pelo menos no âmbito ideológico”. Talvez, por esta particularidade, *não possamos precisar em que*

*momento Amélia aderiu ao Espiritismo*,<sup>17</sup> decisão que pode ter sido tomada lentamente, em suas estadas no Rio de Janeiro, ou mesmo em Pelotas, que naquele período não se encontrava tão longe das ideias europeias. Teriam sido as sucessivas mortes de pessoas – por ela muito estimadas – que a teriam levado ao Espiritismo? Estaria sua conversão vinculada a uma necessidade de conferir significado à vida? (PAULA, 2008, p. 215-216)

Em uma de suas cartas a filha, assim narrava a Baronesa:

Tenho pois ido às sessões, na Federação, onde são ellas admiráveis em seus ensinamentos! João, apesar de suas idéias positivistas, é quem me acompanha, e leva a sua condescendencia à ponto de assistil-as até o fim, mostrando n'isso, a melhor boa vontade. Acredita, que os poucos momentos que ali pássso, orando, e ouvindo a explicação do Evangelho, em Espirito e Verdade, julgo –me bem feliz!” (PAULA, 2008, p. 221)

Que a Baronesa era espírita disso não temos dúvidas, mas quanto ao ano de sua adesão ao Espiritismo, temos. Em que ano a Baronesa tornou-se espírita? E será que foi ela quem trouxe o Espiritismo a Pelotas, logo em seguida ao seu casamento, em 1865?

Como podemos ver, por meio dos trechos de algumas das cartas escritas pela Baronesa, que ela era espírita, mas não há menção do ano em que ela se tornou espírita e nem em que momento da sua vida. As cartas, como mencionado acima, foram escritas entre os anos de 1885 e 1918, sendo, portanto, escritas vinte anos depois da referida data de chegada do Espiritismo a Pelotas (1865), como dizem alguns historiadores.<sup>18</sup> Assim, ou ela se tornou espírita lentamente ao longo dos anos, como bem destacou Débora de Paula, ou ela no ano de 1865, após o casamento e de ter recebido de presente o *Livro dos Espíritos*, torna-se espírita. É o que veremos a seguir.

João Artur Ott Cardoso<sup>19</sup> defende a ideia de que o Espiritismo aportou em Pelotas em 1865, na bagagem da jovem senhora Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel. Segundo o pesquisador, que manteve correspondência com membros da família, descendentes diretos de Amélia e Annibal, ela havia recebido de presente de uma amiga francesa um exemplar da primeira edição de "O Livro dos Espíritos", ao completar quinze anos. É provável, contudo, que se Amélia não foi a primeira deve ter sido uma das primeiras a tomar contato com o Espiritismo em Pelotas.

Com quinze anos ela lê *O Livro dos Espíritos*, em francês; dois anos depois casa com Annibal e vem morar em Pelotas, o que configuraria a chegada do Espiritismo em Pelotas em

<sup>17</sup> O grifo é meu.

<sup>18</sup> Historiadores citados ao longo do texto.

<sup>19</sup> Tentei manter contato com o historiador João Cardoso, porém não obtive sucesso. Gostaríamos muito de uma prova documental, ou quiçá oral, sobre essa afirmação, mas infelizmente até o momento não conseguimos.

1865. Essas afirmações por parte de Cardoso e de alguns pesquisadores espíritas estão escritas em uma página da internet denominada *Espiritismo: Centros e Movimento*,<sup>20</sup> de onde podemos acompanhar o pensamento espírita em relação à Baronesa de Três Serros, eis mais alguns trechos em relação à Baronesa:

O casarão tem um torreão, onde Annibal trabalhava. Abaixo do torreão havia uma biblioteca e naquele espaço Amélia não só fazia suas leituras, mas também reunia semanalmente um grupo de amigas e leitoras, momento em que liam e discutiam *O Livro dos Espíritos*, em francês, pois não havia ainda traduções para a língua portuguesa. Possivelmente também liam *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nestas leituras Amélia e o pequeno grupo de amigas aperfeiçoavam as ideias que iriam repercutir mais adiante em atos corajosos e de bondade. [...]

Participar das reuniões mediúnicas na sede da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, fazia parte da sua rotina social. Esta, digamos, quase recusa em participar intensamente da vida social, apesar dos recursos que detinha, era uma das suas características, pois mesmo quando morava em Pelotas as atividades sociais da sua classe não a atraíam muito, embora festas tenham sido realizadas no casarão do bairro Areal. [...]

A importância de Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel reside na semente que realizou no solo pelotense, lançando aqui as primeiras sementes, que logo após deitaram as raízes não só de um movimento, mas demonstraram ativamente a transformação de uma realidade dura e cruel. [...] Algumas das suas sementes floresceram no ano de 1897, em 19 de setembro daquele ano, com a fundação do grupo espírita “Amor a Deus”. Posteriormente mais cinco grupos espíritas foram fundados. Estes grupos, sob a liderança de outros visionários líderes espíritas, em 29 de dezembro de 1901 uniram-se e constituíram legalmente a primeira instituição espírita de Pelotas, a “Sociedade União e Instrução Espírita” que também foi a segunda do Estado do Rio Grande do Sul, conforme a pesquisa de João Artur Ott Cardoso. [...]

Resgatar o exemplo da Baronesa dos Três Serros é ampliar a dimensão da atuação espírita e dos espíritas. [...] Amélia Hartley, embora tenha sido uma mulher do século dezenove e tenha conhecido o Espiritismo ainda nos seus albores, parece ter entendido melhor o significado da caridade do que muitos que se dizem estudiosos da Doutrina Espírita, com todas as facilidades e a vantagem da passagem do tempo e dos diversos estudos realizados em torno dela. A caridade praticada pela Baronesa era abrangente, pois seguia a ideia básica de praticar todo o bem que estivesse ao seu alcance.<sup>21</sup>

Hipótese número dois:

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://centroemovimento.blogspot.com/2012/03/amelia-hartley-espirita-que-se-tornou.html>>. Acesso em 02 ago. 18.

<sup>21</sup> Blog - Espiritismo: Centros e Movimento. Artigo escrito por Ivomar Costa, em 05/03/2012. O artigo postado no blog não nos fornece as fontes nem os documentos em que se baseia o autor para corroborar seus argumentos, cita ele apenas a consulta aos trabalhos de Débora de Paula e de Jesuina Schwanz, e da palavra do historiador João Cardoso. Transcrevemos aqui trechos que nos chamou mais a atenção, pois caracteriza o pensamento de uma parcela de espíritas de Pelotas. Portanto, o artigo, com seus argumentos, carecem de provas documentais para comprovar a veracidade dos fatos ali narrados.

A segunda hipótese que iremos abordar agora trata da possibilidade do Espiritismo ter chegado a Pelotas por meio de dois espanhóis. Segundo Alberto Coelho da Cunha,<sup>22</sup> os dois espanhóis José Aquilera (dentista) e Antônio Baxeras (arquiteto) teriam chegado a Pelotas em 1877 e com eles os livros de Allan Kardec, o que configura, na visão de Cunha, como o primeiro contato da cidade com a Doutrina Espírita.

O ponto de partida para a análise dessa segunda hipótese encontra-se no manuscrito e datilografado documento sobre o Espiritismo deixado por Cunha. Nesse documento, que se encontra na Bibliotheca Pública Pelotense,<sup>23</sup> podemos constatar que foi produzido no ano de 1927. Texto escrito à mão e posteriormente datilografado; faz um relato sucinto da História do Espiritismo no mundo e no Brasil. Escrito em 1927, pois na página 03 há um recenseamento de 1911, dos bairros de Pelotas, sobre quem eram os declarados espíritas dos que não tinham religião, onde ele escreve que esse recenseamento havia ocorrido dezesseis anos antes, o que nos leva a crer que o “compêndio Seita Espírita” tenha sido escrito nessa data. Relata-o ainda, que em 1911 “ser por aquela época ainda numericamente fraco o grupo espírita de Pelotas”.

O texto está escrito em papel pautado, em um caderno tipo bloco, frente e verso com 07 páginas. Em seguida, Cunha datilografou o mesmo texto, talvez para uma melhor leitura e possíveis correções ao texto original, onde nesse texto há 10 páginas e ao fim dele consta a assinatura de Alberto Coelho da Cunha.

E é em cima desse texto que iremos tentar compreender o que Cunha quis dizer quando afirma que o Espiritismo chegou a Pelotas pelos dois espanhóis. Assim começa o texto manuscrito:

Deve se reconhecer que tem tido ultimamente extraordinario desenvolvimento a doutrina espirita, que entre nós se diffunde e impera, exercendo uma especie de seducção em animos desprevenidos, que aos seus centros exponuaneamente acodem, a elles se entregam, por vezes de corpo e alma, porque nelles a sua confiança depositam.

Ha uma bôa duzia de annos, escassos adeptos contava esta seita. E muitos desses se vexavam de confessar a sua crença, receiosos dos doestos, sarcasmos e chufas que éram impiedosamente atirados sobre os beocios que acreditavam em almas do outro mundo. Esse numero foi sorateiramente e paulatinamente crescendo até apresentar-se com proporções consideraveis

<sup>22</sup> Alberto Coelho da Cunha nasceu em Pelotas no dia 13 de setembro de 1853. Como escrevente municipal teve a oportunidade de acessar muitas informações sobre a cidade, de dados estatísticos e demográficos a informações sobre moradores e ruas. É autor de “Antigualhas de Pelotas”, uma coleção de artigos publicados no jornal Opinião Pública de 1939, que tratam do município de Pelotas e arredores. Alberto Coelho da Cunha, funcionário municipal, nomeado em 28 de novembro e em seu cargo empossado a 12 de dezembro de 1890. Contando até a data de 10 de novembro de 1930, com 39 anos, 11 meses e 08 dias de serviços prestados a esta municipalidade, sem interrupção. Faleceu no dia 15 de outubro de 1939. Contista, cronista, colunista, pesquisador, “historiador” e secretário aposentado da Intendência do Tesouro Municipal de Pelotas.

<sup>23</sup> Alberto Coelho da Cunha. Seita Espírita. Pasta ACC – 018. Bibliotheca Pública Pelotense.

nos dias que correm. Já de publico se apresentam e francamente confessam a sua fé, homens inteligentes, saões de corpo e de juizo que não se arreceiam de opinião que sobre elles se possa fazer.

Depois de phases de obscuridade de timidez, de irresolução entrou o espiritismo em periodo de franca apresentação, como convicção que firmemente se solidificou.

Quão distanciados vamos já daquella epoca em que essa doutrina accidentalmente trazida á pequena Pelotas de ha 50 annos passados, por dois espanhóes que se pretendiam mediuns: intuitivos o dentista José Aquilera, vidente, o architecto Antonio Baxeras, procurou abrir carreira, abrindo brecha na sceptiaa indifferença da população por assumptos que condiziam com o destino da alma de cuja existencia se estava em duvida! Com pés de lan, ella procurou se insinuar. A rua General Victorino surdio um pequeno centro de estudos e experiencias, que tendo tido eases dous espanhóes por seus iniciadores, os mantinha com o seus conselheiros na direcção dos trabalhos experimentaes, de cujos resultados se podiam gerar as convicções capazes de darem impulso a qualquer propaganda, se intuito de fazel-a, surgisse. Tal pensamento parece não se ter concretizado e ter-se limitado esse grupo a fazer como que em familia, a sua propria instrucção.

Eram as suas reuniões presididas por Fortunato Sampaio que ja se revellava crente ardoroso, enquanto os seus outros companheiros, ainda procuravam, motivos de convicção. [...] <sup>24</sup>

O que nos chamou atenção nesse excerto, além da afirmação do Espiritismo ter chegado com os espanhóis, foram de como teve a influência desses mesmos espanhóis na fundação das primeiras casas espíritas. O texto segue fazendo uma descrição das primeiras casas espíritas e de seus frequentadores, assim como das manifestações mediúnicas que ali eram produzidas. Mais adiante, no mesmo texto, Alberto Cunha nos traz outro panorama do Espiritismo em Pelotas:

No entanto bem quarenta annos depois foi que o espiritismo conseguiu se tornar uma seita e ter mais influencia na mentalidade da população do que aquella que se lhe possa descobrir: não conta só adeptos de fé publica que dirigem e que frequentam os centros abertos a quem quer que nelles queira penetrar como adeptos que constituem gremios familiares em que si tem ingresso intimos da casa. E porisso alem das sessões ao alcance do publico, innumeradas outras pullulam pela cidade e arrabaldes, todas pregando a Palavra de Christo e expondo-o como modelo a ser imitado, embora ninguem se resigne a fazel-o, insistem todos em aconselhar.

Segue o autor, por meio de amostragem do recenseamento, a marcha do Espiritismo em Pelotas, para em seguida relatar a formação e fundação das primeiras casas espíritas na cidade de Pelotas. Mais adiante, Cunha relata a fundação da casa espírita mais antiga de Pelotas em funcionamento. Relata, também, o surgimento do primeiro jornal espírita da cidade: “Em 03 de Outubro de 1921 apareceu o primeiro jornal de propaganda o "Pharol"

<sup>24</sup> Mantive a grafia original nesse excerto e nos demais.



dirigido por Daniel Butiorres”. Após esses relatos sucintos sobre o Espiritismo em Pelotas, Alberto Cunha começa há descrever um pouco sobre o hipnotismo e a mediunidade no mundo, e em seguida no Brasil. Desse modo, assim finaliza o seu texto:

O nosso espiritismo foi apprehendido numa phase de fé pre-estabelecida, que para este mais transplantado, nelle condições favoraveis enoontrando para a sua aclimatação, nelle firmemente se arraigou. Aceitou dogmas de religião e como uma crença baseada em fé, vae fazendo proselytismo por todas as caamadas que fórmam a sociedade pelotense e sobretudo, como o Christianismo, sobre as mais humildes, convencido que se é de lei que o mundo marche, elle não deve ficar retardado.

Bem, como podemos ver, Alberto Coelho da Cunha nos traz um apanhado geral sobre o Espiritismo em Pelotas. Diz ele, que o Espiritismo chegou a Pelotas pelos dois espanhóis, sendo assim, fui à busca de documentos que comprovassem a entrada desses imigrantes na cidade.

Pesquisei os seguintes documentos, que se encontram na Bibliotheca Pública Pelotense: Actas da Associação Auxiliadora da Colonização, início em 11 de novembro de 1849 e término em 22 de março de 1855.<sup>25</sup> Livro para termo de declarações dos estrangeiros, que requerem naturalizar brasileiros, início em 15 de outubro de 1844 e término em 22 de julho de 1887, contendo 80 folhas.<sup>26</sup> Livro da Câmara Municipal da cidade de Pelotas: Termo da declaração dos estrangeiros que requerem naturalização brasileira, início em 22 de julho de 1887 e término em 30 de junho de 1893, contendo 98 folhas.<sup>27</sup> Livro para a declaração dos cidadãos estrangeiros que não aceitam a grande naturalização, início em 31 de dezembro de 1889 e término em 06 de maio de 1894, contendo 199 folhas.<sup>28</sup> Revista do Primeiro Centenário de Pelotas, do número 01 (out/1911) ao número 08 (mai/1912).<sup>29</sup>

Fomos ao Porto de Pelotas, no qual não encontramos registros de entradas de imigrantes. Fomos, também, ao Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, e não obtemos êxito na nossa pesquisa. Enfim, dos documentos a que tivemos acesso não há nenhuma menção dos nomes desses dois espanhóis, nem na entrada ou na permanência dos mesmos na cidade. Se eles realmente vieram a Pelotas, não consta nos registros, ao menos nos registros que pesquisei. Não se acha nada a respeito deles, o sobrenome deles também até hoje é incomum, Baxeras e Aquilera, em uma procura rápida na internet, não encontrei nenhuma

---

<sup>25</sup> BPP, BIC 002

<sup>26</sup> BPP, BIC 008e

<sup>27</sup> BPP, BIC 009e

<sup>28</sup> BPP, BIC 010e

<sup>29</sup> BPP, BIC 002e

família Aquilera, seja espanhola, catalã ou basca. O mais próximo que encontrei foi Aguilera, com g e não com q.

Sobre Baxeras, há um site de genealogia que faz menção sobre uma família Baxeras em Santa Maria, RS,<sup>30</sup> e é só.

### **Mais Dúvidas do que Certezas: A Guisa de Conclusão**

Vários são os pesquisadores que se apoiam na versão dada por Alberto Coelho da Cunha, entre eles podemos destacar Lauro Enderle, que em 1984 escreveu o livro *História do Espiritismo em Pelotas (1877-1984)*, no próprio nome do livro já está explícito o ano em que se baseou o escritor; temos Marcelo Gil, que em sua dissertação de mestrado também avança a possibilidade do Espiritismo ter chegado com os espanhóis, Giana do Amaral e Lorena Almeida Gill, outros historiadores e pesquisadores de temas sobre Pelotas comungam com essa ideia, Eduardo Arriada, historiador já citado nesse trabalho, sem contar Mario Osorio Magalhães e Beatriz Ana Loner.

Alberto Coelho da Cunha não era um “ocioso sonhador”. Sua característica mais evidente era possuir um olhar investigativo, que no primeiro momento parecia desconfiar dos propósitos para somente depois asseverar-se da justeza de uma obra. Em seus escritos percebe-se muitas vezes um tom de ironia, em uma narrativa bastante fluente, de modo que, mais do que passar uma informação, Cunha procurava incorporar à crônica suas impressões mais pessoais.

Artista, detetive, jornalista... Talvez antes de tudo, Cunha tenha sido um observador, que, ao passear sem rumo, revelou em seus escritos um conjunto de transformações essenciais pelas quais a cidade de Pelotas estava passando. (GILL, 2006, p. 46).

Do lado da versão da Baronesa Amélia, temos como já citado anteriormente, o historiador João Cardoso e o pesquisador Ivomar Costa, contamos ainda com Débora de Paula, Jezuina Schwanz, e tantos outros pesquisadores.

Desse modo, com os pesquisadores bem divididos quanto ao tema em questão é que me levou a questionar a veracidade das duas hipóteses aqui elencadas. Com essa dúvida na cabeça, comecei a questionar as pessoas e os documentos. Não tive outra escolha, se não tratar de escrever, sobretudo apoiado em livros, teses, dissertações, documentos, enfim, tudo o que estivesse relacionado com o tema. Completei minhas pesquisas com consultas aos jornais, não obtive muito sucesso, somente àquelas aqui descritas.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://pt.geneanet.org/fonds/individus/cercles/?nom=ROCA+BAXERAS>>. Acesso em: 03 ago. 18.

Ao longo do texto tentei dar um panorama geral do Espiritismo e de como ele chegou a Pelotas, não nos foi possível, no momento, comprovar nenhuma hipótese, de um lado temos vários documentos que nos mostram que a Baronesa era espírita, porém não nos indica se foi ela quem trouxe o Espiritismo a Pelotas; do outro lado, temos apenas os escritos de Alberto Cunha, sem contanto termos conseguido comprovar os seus escritos. Dos documentos que dispomos, não encontramos nenhuma menção aos dois espanhóis que Alberto Cunha cita.

Repito de maneira nenhuma o tema se esgota aqui, há várias versões da História, só nos falta comprová-las. Encerro esse texto com uma afirmação categórica: há mais dúvidas do que certezas.

### Fontes

Actas da Associação Auxiliadora da Colonização. Início em 11 de novembro de 1849, término em 22 de março de 1855. Bibliotheca Pública Pelotense, BIC 002e.

Alberto Coelho da Cunha, Antigualhas de Pelotas. Biblioteca Pública Pelotense, pasta AAC 017.

Alberto Coelho da Cunha, Seita Espírita. Bibliotheca Pública Pelotense, pasta ACC 018.

Certidão expedida pela Intendência do Município de Pelotas, sobre o tempo de serviço de Alberto Coelho da Cunha. Bibliotheca Pública Pelotense, pasta ACC 002.

Jornal Correio Mercantil (1875-1932).

Livro da Câmara Municipal da cidade de Pelotas. Termo da declaração dos estrangeiros que requerem naturalização brasileira. Pelotas, ano de 1887. Início em 22 de julho de 1887, término em 30 de junho de 1893. 98 folhas. Bibliotheca Pública Pelotense, BIC 009e.

Livro para a declaração dos cidadãos estrangeiros que não aceitam a grande naturalização. Início em 31 de dezembro de 1889, término em 06 de maio de 1894. 199 folhas. Bibliotheca Pública Pelotense, BIC 010e.

Livro para termo de declarações dos estrangeiros, que requerem naturalizar brasileiros. Início em 15 de outubro de 1844, término em 22 de julho de 1887. 80 folhas. Bibliotheca Pública Pelotense, BIC 008e.

Revista do Primeiro Centenário de Pelotas. Do número 01, de outubro de 1911 ao número 08, de maio de 1912. Hemeroteca da Bibliotheca Pública Pelotense.

Traços Biográficos (ACC). Guilherme Echenique. Pelotas, 1940. Bibliotheca Pública Pelotense, pasta ACC 002.

### Referências Bibliográficas

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: UFPel, 2000.

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco. Lembranças de um homem simples: as memórias de Alberto Coelho da Cunha. **13º Encontro Sul-Rio-Grandense de**

**Pesquisadores em História da Educação, 2007, Porto Alegre.** Guardar para Mirar: acervos e história da educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007. v. 01. p. 809-822.

ARRIADA, Eduardo. Pai Felipe: Um Episódio de Charqueada e/ou Aspectos Temáticos da Obra de Alberto Coelho da Cunha. **História em Revista**, Pelotas, v. 3, nov/1997, p. 85-98.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

ENDERLE, Lauro. **História do Espiritismo em Pelotas (1877 – 1984)**. Porto Alegre: AGE, 1984.

GILL, Lorena Almeida. Labirintos ao redor da cidade: as vilas operárias em Pelotas (RS) 1890-1930. **História Unisinos**, vol. 10, nº 1 - janeiro/abril de 2006, p. 45-52.

GIL, Marcelo Freitas. **O Movimento Espírita Pelotense e Suas Raízes Sócio-históricas e Culturais**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFPel, 2008.

GIL, Marcelo Freitas. Trabalhadores, Maçonaria e Espiritismo em Pelotas: 1877-1937. **REHMLAC**, vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011, p. 62-80.

KARDEC, Allan. **O Que é o Espiritismo?** Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Araras: IDE, 2002.

LACERDA, Carolina Camargo de; ABRAHÃO, Ricardo Salini; BASTOS, Thais Aranhã. Relações Entre Brasil e França, no Período de 1822 a 1889. **Revista UniCuritiba**, Faculdades Integradas Curitiba, Relações Internacionais, v. 1, n. 1, 2000, p. 109-134.

LEÓN, Zênia de. **Casarões Contam Sua História**. Vol.1. São Lourenço do Sul: Hofstätter, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osorio. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio grande do Sul: Um estudo sobre a História de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Ed. UFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osorio. **Pelotas Princesa**. Pelotas: Editora Diário Popular, 2012.

NASCIMENTO, Heloísa A. **Nossa Cidade Era Assim, Vol.1**. Pelotas: Livraria Mundial, 1989.

PAULA, Débora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro - Pelotas, na virada do século XX)**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História/Unisinos, 2008.

PAULA, Débora Clasen de. Rede Social e Prestígio Familiar nas Cartas da Baronesa de Três Serros. **História em Revista**, Pelotas, v. 16, dez./2010, p. 53-68.

PAULA, Débora Clasen de. Teosofia e Espiritismo nas Cartas da Baronesa de Três Serros (1899-1918). **XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH- Brasil, 2013**, p. 1-10.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. **A Chácara da Baronesa e o Imaginário Social Pelotense**. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pelotas: ICH/UFPel, 2011.

VARGAS, Jonas M. **“Pelos margens do Atlântico”**: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2013.

VARGAS, Jonas M. “A aristocracia do sebo” Riqueza, prestígio social e estilo de vida entre os charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, 1850-1890). **Estudios Históricos** – CDHRPyB- Año VIII, Diciembre 2016, Nº 17, p. 1-23.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec, Vols. I e II**. Rio de Janeiro: FEB, 1979.